

UM CONTINGENTE MÓVEL: CABANOS ENTRE HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

A MOBILE CONTINGENT: CABANOS BETWEEN STORIES, MEMORIES AND NARRATIVES

Sandy Maria Gomes de Andrade¹

Diego Correia Machado²

RESUMO

Este trabalho faz uma análise das narrativas do processo de resistência imprimida pela Cabanagem, uma vez que foi o único em que os resistentes tomaram o poder político, na então capital Belém, entre 1835 e 1836, levando em conta a mobilidade que estes apresentam durante os conflitos e posteriormente na escrita da história sobre o assunto. O objetivo assenta-se na proposta de compreensão do processo de resistência expressada nas narrativas e memórias registradas nos materiais estudados. Como caminho metodológico, traçou-se uma revisão bibliográfica do referencial teórico a partir de Del Priore (2016), que discute sobre o contexto do país durante a Cabanagem; uma ênfase especial para crônica intitulada O Rebelde de Souza (1863); Halbwachs (1968), autor consagrado no que tange o estudo sobre memórias, identidades e narrativas na escrita historiográfica, e Ricci (2007), autora de destaque acerca das lutas dos cabanos, bem como as diversas visões sobre estes sujeitos no decorrer da História. Conclui-se que a Cabanagem se encontra nas diversas memórias e narrativas que são ressignificadas em decorrência do tempo e de suas finalidades, bem como do ponto de análise tomada pelos caminhos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Cabanos; Histórias; Memórias; Narrativas.

ABSTRACT

This Work makes a analysis of the narratives of the resistance process prinyed by the cabanagem, since it was the only one in wich the resistants took the political power, in the then capital Belém, between 1835 and 1836, taking into account the mobity that they prresent during the conflicts and later on wrintng the storyon the subject. The objectriv is based on the proposal to undestand the resistance process expressed in the narratives and memories recorded in the studied materials. As a methodological appoach, a bibliographic review of the theoretical framework was drawnp from Del Priore (2016) wich discusses the country's context during the Cabanagem; a special emphasis on a chronicle entitled The Rebeld o the Sousa (1863)Habwachs (1968), consecrated author regarding the study of memories, identiesabd narratives in historiographical writing, and Ricci (2007), prominent author about the struggles of the hurs, as well as the diverse views on these subjects through history. It is concluded that the Cbanagem is found in the various

¹ Licencianda em História pela Universidade Federal do Acre. E-mail: sandy.ufac@gmail.com

² Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Licenciado em História pela UFAC. E-mail: diegoc18.dcm@gmail.com

memories and narratives that are re-signified due to time and its purposes, as well as the point of analysis taken by the research paths.

KEYWORDS: Cabanos; Resistance; Social Organization; Narratives; Stories.

1. INTRODUÇÃO

Os diversos conflitos ocorridos durante o período regencial brasileiro fizeram parte de um cenário que deixou explícita a insatisfação da classe popular, visto que o processo e construção de um sentimento de unidade ainda não estava completamente definido. Tendo também seus interesses atingidos, as elites locais passam a fazer frente em muitos movimentos de contestação, principalmente os ocorridos na região amazônica. A Cabanagem faz parte destas agitações, considerando que este apresenta-se como forma de resistência à ordem posta até então, levando a uma contestação da organização social tida pelos governantes.

O movimento cabano foi abordado de diversas formas ao longo dos anos, sendo destacado na história recente como exemplo de resistência, busca-se, desta forma, abordar como as narrativas e memórias fazem parte deste processo, seja na constituição do movimento como representação de mera revolta – como desordeiro e bárbaro –, ou como luta contra a opressão colonial, uma resistência a organização social imposta até então. Os escritos sobre o assunto são elaborados tendo como base diversos elementos: contexto local e nacional, sujeitos envolvidos e como são caracterizados, seus objetivos e como estes são interpretados, conflitos, entre outros, que traçam diversos pontos de vista sobre o movimento.

2. AS PERSPECTIVAS SOBRE A CABANAGEM

A historiadora Mary Del Priore (2016) aponta que o processo de independência do país inicia-se em 1808 com a vinda da Corte Portuguesa para a colônia, tendo a consolidação deste em 1822, com a proclamação da independência. Entre 1820 e 1822, houveram diversos questionamentos entre as elites regionais sobre qual projeto político deveriam seguir. A partir de 1821, surge a tendência com adesão majoritária das classes dominantes coloniais em apoio ao governo português, deixando de obedecer às ordens emitidas pelo Rio de Janeiro, estes e outros conflitos acabam por levar a decisão de proclamar a independência, numa tentativa de esvaziar essa aproximação com Portugal. A busca pela configuração de um governo independente não era

sinônimo de consenso, pois criou-se outras ambiguidades e preocupações. Sobre esse quadro a autora afirma:

A posição de D. Pedro, no entanto, era ambígua. O apoio que dava ao movimento constitucionalista era marcado por ressalvas do tipo: “a Constituição deve ser digna do meu poder”, e assim por diante. Não é de se estranhar, portanto, que, após o 7 de setembro, as elites regionais ficassem divididas. Apoiar as cortes portuguesas significava submeter-se a um governo liberal, ao passo que acatar ao imperador implicava o risco de retorno ao absolutismo. Além disso, havia divisões nas tropas estacionadas nas diversas províncias, umas fiéis à Corte portuguesa e outras à carioca. Por isso, a independência foi seguida por uma série de guerras. No Norte e Nordeste, o processo de ruptura com Portugal esteve longe de ser tranquilo. (DEL PRIORE, 2016, p. 118-119)

O decênio de 1831 a 1840, na História do Brasil, ficou conhecido como período regencial. A Regência vai da abdicação de D. Pedro I à “Declaração da Maioridade” de D. Pedro II, seu filho. Ocorre, nesta fase, inúmeros movimentos que contestam a organização social em voga, a exemplo da Cabanagem, no Grão-Pará, a Balaiada, no Maranhão, a Sabinada, na Bahia e a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul. Isso traça o panorama de insatisfação para com o poder central, evidenciando as tensões sociais latentes. Mary Del Priore (2016) afirma que:

No início da década de 1830, o clima é de guerra civil. Rio de Janeiro, Ceará, Bahia, Pernambuco e Alagoas são palco de levantes armados em que fazendeiros, tropas, pequenos proprietários, índios e escravos se ombreiam, ora contra a centralização do poder, ora como expressão de revolta diante da pobreza e da escravidão. É nesse contexto que D. Pedro I, a 7 de abril de 1831, renuncia ao trono brasileiro. (DEL PRIORE, 2016, p. 120).

Tendo como base o recorte deste trabalho, Del Priore (2016) aborda especialmente a Cabanagem, ocorrida no Pará, norte do Brasil, constituindo-se, sobretudo, como uma revolta política com elementos fortemente fincados no descontentamento social de camadas pobres. Assim, a autora destaca o conflito na região:

No Pará, uma revolta política lança a província em uma violenta guerra civil, que se estende por cinco anos. A independência local chega a ser decretada, mas os rebeldes, autointitulados cabanos, são violentamente esmagados, deixando como saldo cerca de 30 mil mortos, ou seja, cerca de 20% da população provincial. No extremo sul do país, a Farroupilha tem melhor sorte. A independência do Rio Grande do Sul é alcançada e, durante os anos 1835-45, a então denominada República do Piratini mantém-se separada do Brasil. (DEL PRIORE, 2016, p.121).

Para Moura (2013), a Cabanagem foi um movimento social que explodiu em ampla área da calha do Rio Amazonas, e sua repercussão maior vincula-se ao fato de ter sido o único movimento em que os resistentes tomaram o poder político da capital, Belém, entre 7 de janeiro de 1835 até 13 de maio de 1836, fato mencionado por Del Priore (2016). Amaral (2015)

acrescenta que este movimento se encerrou na cidade de Belém e nas regiões próximas. Durante seu percurso, assumiu um caráter extremamente violento, principalmente entre os habitantes locais, que eram negros escravos libertos ou fugidos, mulatos, tapuios e brancos pobres.

Como inúmeros casos na História, os vencidos são nomeados pelos vencedores, como degenerados, rebeldes, e/ou insubordinados, rebaixando e nivelando os revoltosos, taxado a todos de cruéis, bandidos e assassinos. No que se refere a nomenclatura Cabanagem, o autor afirma que esta é oriunda do tipo habitação que estes sujeitos moravam, vale destacar a generalização feita, uma vez que o movimento teve participação das mais variadas camadas sociais, muitos não habitavam em tapuios ou cabanas.

A Cabanagem na Amazônia foi, durante muito tempo, ofuscada por escritores, sendo, ao longo dos anos, reinterpretada em nossa historiografia, e considerada, muitas vezes, pela história oficial, como uma barbárie que apenas dizimou grande parte da população da província do Grão-Pará.

Porém, convém dizer que a Cabanagem trouxe consequências para ambos lados, dizimando boa parte da elite da Amazônia, mas principalmente matando mestiços, indígenas e africanos pobres ou escravizados. Como nos aponta Ricci (2007) em suas análises a respeito do movimento, afirmando que este causou grandes distúrbios e a disseminação de ideias de resistência, uma vez que atingiu um amplo território. Segundo ela, é notável o anseio de novas perspectivas de políticas e sociais pretendidas pelas lideranças cabanas, colocando-se como patriotas, mas não necessariamente significando ser brasileiro, levando em conta a multiplicidade indenitária da Amazônia constituída por indígenas, negros de origem africana e mestiços que possuem uma causa em comum para lutar.

A obra de Magda Maria de Oliveira Ricci (2007), intitulada *Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840*, trata de diversas questões relacionadas ao movimento, demonstrando de que forma este tema tem sido estudado ao longo dos anos, apontando que, muitas vezes, sua importância foi retirada, sendo tratado majoritariamente como apenas “mais um movimento regional”, isolado, excluído da História nacional, e sem a repercussão necessária para se ter os olhos do poder público voltados para a região, típico do período regencial do Império do Brasil. Abrangendo um amplo território, no qual a Cabanagem desenvolveu-se como a resistência a organização vigente na província, abordado pela autora de forma a nos levar a compreender as maneiras de como este movimento é visto em diferentes tempos, realizando um diálogo com as diversas produções historiográficas desde império brasileiro, destacando a resignificação deste movimento de negros, índios e

mestiços, além de demonstrar de que modo os segmentos cabanos realizaram a construção de um dos mais reconhecidos movimentos de resistência do período imperial. De modo crítico e analítico a autora apresenta a busca de povos amazônicos por liberdade e de uma luta secular que merece ser conhecida e amparada pela historiografia, trazendo a luz de uma maior reflexão dos eventos que aconteceram no passado.

Segundo o que nos aponta Ricci (2007), um estudo mais sistemático acerca da temática passa a ser realizada após 1835, mas durante muito tempo vigorou um vazio e infundáveis questionamento causados pelo trauma resultante da morte de milhares durante o movimento cabano e pela repressão realizada pelo império brasileiro. Para muitos autores, este movimento era sinônimo de motim político, tendo como exemplo Domingos Antonio Raiol cuja a concepção tornava a Cabanagem um levante de caráter regional, interpretado a partir das políticas imperiais e de sua formação social e de organização social. Com o passar do tempo, os cabanos deixam de ser vistos como os “vilões” e responsáveis por toda intensa crueldade do movimento, passando a serem considerados patriotas e adeptos da causa brasileira, uma vez que, a partir dos anos de 1920 e 1930, dá-se novos significados para o movimento cabano e começa-se a traçar novas histórias, colocando-os na linha de nacionalidade e patriotismo que foi criada durante essas décadas, na tentativa de se forjar uma história unificada que cubra o abismo entre o movimento e a independência política do Pará.

Levando em conta estes olhares sobre o movimento cabano, podemos citar a crônica de Inglês de Sousa, publicada em 1893, intitulada *O Rebelde*³. Logo abaixo apresentamos um precioso trecho de seu texto:

No terror dos inovadores, associavam toda ideia revolucionária às sangrentas carnificinas que desonravam o solo virgem da nova pátria. A fértil imaginação amazonense fizera do antigo revolucionário um personagem misterioso, sinistro e perigoso, de cuja alma já estaria de posse o Inimigo, ainda em vida do corpo. Empréstara-lhe o vulgo uma quantidade enorme de crimes. Diziam as velhas mexeriqueiras, sentadas à soleira da porta por noites de luar, que ao bater da meia-noite via-se vagar pelas ruas a alma do pernambucano, a purgar culpas passadas. As crianças fugiam à presença do velho, e os matutos benziam-se quando o viam passar curvado sob o peso da meditação constante, ou de algum desgosto indefinido, arrimado no seu bastão de maçaranduba, com o crânio, a meio despido, exposto aos raios do sol. Todos se calavam quando ele aparecia. (AMARAL *apud* SOUSA, 2018, p.95-96)

Neste sentido, podemos apontar que o texto apresenta a perspectiva de que os cabanos são vistos como desordeiros, aqueles que depravam a honra do solo virgem, apontando que essas

³ Esta crônica faz parte do livro *Contos Amazônicos*, publicado no Rio de Janeiro. A obra traz um conjunto de nove histórias contendo crônicas de costumes e aspectos sociais, elaborados por meio da observação de características da região amazônica.

ideias revolucionárias germinam na mente fértil amazonense, de forma que esses habitantes são ingênuos, vazios de pensamentos e opiniões políticas. O sujeito envolvido nesse processo é tido como perigoso, associado a imagem de criminoso, que assusta as crianças e cala a todos com sua presença. Esta representação recai sobre todos os cabanos de forma indistinta, a cena é de terror e atinge o movimento como um todo, como escreve Inglês de Sousa:

Muitos boatos contraditórios circulavam. O pânico era enorme. Ora dizia-se que os cabanos vinham tomar de assalto a vila e queimar vivos os habitantes, ora que haviam sido completamente batidos pelas tropas legais, antes de descerem a Santarém. Não se falava senão na cabanagem, e o pobre velho rebelde de 1817 era esquecido pelos rebeldes do tempo. Todos os dias tapuios desertavam do serviço dos patrões, e fugiam nalguma canoa furtada, descendo o rio para se irem encontrar com os brasileiros. (AMARAL *apud* SOUSA, 2018, p.102)

Nesse sentido, faz-se necessário reportar que estas narrativas dialogam com memórias do ponto de vista de pessoal e/ou individual, que representam um tempo, espaços e sujeitos. As memórias de Sousa demonstram as visões construídas acerca da guerra civil ocorrida no início do movimento cabano, cabe aqui citar Maurice Halbwachs (1968), onde:

[...] nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado. Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças. (HALBWACHS, 1968, p. 18)

A narrativa escrita por Souza não é construída sem antecedentes. As experiências recentes do personagem expressam, mesmo que de forma não intencional, um conjunto de elementos que fazem parte da crônica: o que se fala sobre os cabanos, os boatos, as declarações oficiais e até mesmo os sentimentos são expressos no decorrer do texto. As imagens e narrativas produzidas durante o movimento cabano envolvem expressão de sentimentos de repulsa por parte de certos segmentos, a exemplo dos portugueses residentes na colônia.

Retomando, novamente, a crônica de Souza, podemos observar que a perspectiva de que o movimento cabano apresentava alto teor de violência, onde até mesmo o então padre João mantinha grande preocupação com a situação em que progredia o movimento:

Sabem os cabanos que sou português, posto houvesse adotado de coração a nova pátria, mas não o compreendem os caboclos, e por isso, se aqui entram, está tudo perdido. De que me vale ser ministro do altar? Para esses fanáticos sanguinários, a minha antiga nacionalidade é crime que tudo faz esquecer! (AMARAL *apud* SOUSA, 2018, p.104)

O residente português retrata que os cabanos são sanguinários, que quando estes chegarem onde ele se encontra, tudo estará perdido, e que mesmo sua posição como ministro do altar não o pouparia, pois este estava condenado a partir de sua antiga nacionalidade. Desse ponto de vista, a luta dos cabanos é precedida essencialmente pelo ódio e desordem. As lutas por direitos e busca por melhores condições de vida não é considerada por este sujeito, uma vez que este relaciona seu discurso com seu local de fala – residente de origem lusa, membro da igreja e apoiador da comunidade que vive. E, conforme o lugar de fala muda, as narrativas e representações também se modificam, como podemos analisar na fala do personagem Pedro Paulo, quando o padre diz que aquele deve enfrentar os cabanos:

— Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miséria levou à rebelião! Uns pobres homens cansados de viver sob o despotismo duro e cruel duma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler, e que não têm pão. . . E cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos. E quem disse ao senhor Padre João que eu, Paulo da Rocha, o desprezado de todos em Vila Bela, seria capaz de pegar em armas contra os cabanos? Sr. vigário, eu só lavei as mãos em sangue dos inimigos da minha pátria, dos algozes da minha raça, vilipendiada e opressa. Eles eram fortes e poderosos. Nós, os rebeldes de 1817, tínhamos só do nosso lado a justiça da grande causa que defendíamos, causa da humanidade, causa do futuro! (AMARAL *apud* SOUSA, 2018, p.106)

Reportando experiências anteriores, Pedro Paulo postula outras perspectivas sobre estes cabanos, denunciando a situação exploratória e indignante na qual estes se encontram. Sendo assim, ele mesmo se coloca neste lugar, enquanto pobre, marginalizado, e que outrora “pegou em armas” na luta por melhores condições de vida e contra a opressão imperial. Logo, podemos apontar que as memórias evidenciadas aqui também podem ser consideradas quase como crônicas de costumes, ou um documento social construído a partir da observação de aspectos da região amazônica e das experiências de um sujeito que passa a gerar tensão com a sua chegada, onde também podemos perceber que nesta narrativa o a personagem de Paulo da Rocha é considerado um grande herói, apresentado como um homem honesto, simples, que tem consciência de sua situação social e que é capaz de renunciar muitas coisas para salvar um grupo de amigos, sendo eles os cabanos.

Neste sentido, podemos destacar aqui que ocorre uma relembração que é reorganizada por meio dos diálogos, sujeitos e representações, que não necessariamente precisam ser reconstruídas peça por peça, numa tentativa de retomada do passado, como evidencia Maurice Halbwachs (1968), ao afirmar que o processo de reconstrução de uma memória deve ser comum no espírito individual, mas também deve ser um processo comum nos outros sujeitos, seguindo a

partir de dados ou de noções para a reconstrução de uma lembrança do passado, levando em consideração ainda a reciprocidade de troca nesse processo, uma vez que fazem parte da mesma sociedade, dando continuidade a este movimento de forma incessante.

Além disso, a memória individual não encontra-se inteiramente isolada e fechada, nesse sentido um homem como Pedro Paulo e/ou Padre João reportam suas memórias sobre vivências que ocorrem em grupos – coletivo –, que são distintas, e suas narrativas são um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que aquelas mudam de acordo com o lugar, segundo re(construções) das relações sociais. Essas memórias relacionam-se ainda com os espaços edifícios, casas, praças, entre outros, são imagens espaciais desempenham um papel na memória individual e coletiva.

Segundo Maurice Halbwachs (1968), nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros (p.91). O movimento cabano é visto como destruidor de cidades, lares, fazendas, marcado pela carnificina, como a própria narrativa de Pedro Paulo, que ao começar a narrar os eventos, afirma: “[...] mal começara eu a contar a desgraça que em breve me ia arrancar à bela vida da aldeia e à amizade de seres tão queridos” (SOUSA, p.103), o autor aponta um cenário de comparação de “antes e depois” da Cabanagem, sobre uma perspectiva romântica do passado.

Na crônica, Pedro Paulo rememora ainda lembranças da infância, na qual é possível estabelecer diálogos sobre os preconceitos que surgem acerca de *civilização*, os que se encontravam à margem desta – ou que se difere dos padrões estabelecidos –, serão tidos como selvagens e/ou bárbaros, como pode-se perceber no fragmento da crônica de Souza, logo abaixo:

Meu pai representava a civilização, a ordem, a luz, a abundância. Mathias Paxiúba era a ignorância, a superstição, o fanatismo, a rebelião do pobre contra o rico, o longo sofrimento da plebe sempre esmagada e sempre insubmissa. Era como um protesto ambulante contra a civilização egoísta e interesseira dos brancos, a miséria popular com todo o seu cortejo de vícios hediondos e de crimes heroicos. (AMARAL *apud* SOUSA, 2018, p. 110)

Após a fala de Pedro Paulo sobre os cabanos, a forma como o rebelde passa a ser visto se transforma. Ele era observado, antes, como personagem intrigante e que despertava o interesse do escritor, agora, causa medo, sendo este colocado como um cabano, apenas por se mostrar a favor da luta que aqueles sujeitos engajados na defesa de sua liberdade e necessidades, como podemos perceber no seguinte fragmento:

Logo a forma como ele é visto muda, aquele que outrora o considerava amigo, demonstra pavor e repugnância: Cabano, Paulo da Rocha, cabano o velho do outro mundo! O meu amigo pernambucano pertencia àquela corja de bandidos que jurara a

morte de meu pai e de todos os portugueses do Pará! (AMARAL *apud* SOUSA, 2018p.105-106)

Outro personagem importante desta narrativa refere-se a Padre João, ele que representa a voz da Igreja, de uma classe favorecida na sua condição de representante de Deus, da moral e da ordem, além de representar também o português, o branco e o colonizador. Neste cenário, o padre surge como uma contradição, ora realizando críticas ora apoiando o movimento.

Estas narrativas e memórias são comuns durante e após as tomadas das cidades. Com o decorrer do tempo elas se modificam e ocorre um processo de ressignificação do movimento cabano. Maurice Halbwachs (1968) aborda sobre estas mudanças:

Assim, se encontrarmos mais tarde membros de uma sociedade que se tornou para nós a tal ponto estranha, por mais que nos encontremos no meio deles, não conseguimos reconstituir com eles o grupo antigo. E. como se abordássemos um caminho que percorremos outrora, más de viés, como se o encarássemos de um ponto de onde nunca o vimos. Recolocamos os diversos detalhes dentro de um outro conjunto, constituído por nossas representações do momento (HALBWACHS, 1968: 20-21)

Nesse sentido, Magda Ricci (2013) aborda sobre estas *outras* representações. As “novas” interpretações surgem e coloca o movimento como uma luta legítima contra esta hegemonia imperialista, uma vez que anteriormente as falas sobre este movimento evidenciavam apenas a violência praticada pelos cabanos, o clima de medo e terror instaurado na região amazônica durante este período sem ao menos esclarecer os reais fatos de como estava situação de exclusão social e miséria vivida por uma parcela da população paraense. Convém dizer que, anteriormente, a revolta tinha caráter popular armada, com certas características de guerrilha contra o Estado e seus secretários no Pará, visto que esse ideário ia em oposição aos que defendiam uma Cabanagem essencialmente identificada como luta de classes. Decerto, pode-se afirmar que havia uma busca pela afirmação e de luta por cidadania identificada na Cabanagem, tida como um símbolo, mas que naquela época tal movimento estaria submetido a opressão colonial, uma vez que o imperialismo deixou um legado para a região resultando marcas irremediáveis.

Destaca-se que a população revolucionária (negros, indígenas e os mestiços) passou a aderir ao movimento cabano em diversas frentes de contestação da ordem posta, em que o movimento se transformou de uma simples agitação para a tomada efetiva do poder, apontada, por muitos escritores recentes, como uma revolução, paralelamente encontram-se os que afirmavam que a Cabanagem tinha como característica uma certa desorientação e falta de continuidade, suscitando a discursão sobre a consciência do movimento. Tendo em vista os textos da autora Magda Ricci, é possível perceber que emergem dois tipos de consciência: uma

consciência possível e a consciência ideal, sendo que a primeira se relaciona com as vivências dos grupos heterogêneos que, em diversos níveis, sofrem com a opressão colonial. A segunda mostrava o ideal que estes grupos organizaram-se para elaborar, apresentar e organizar um projeto político, capaz de sustentar a sociedade que consideravam ideal, há de se a visão sobre “sociedade ideal” era diferente a depender do segmento social, o que impede a conciliação em torno de uma consciência ideal, ou seja, o movimento não possuía uma única forma de pensar a organização social, uma vez que tais conflitos também permeiam concepções das lideranças.

Segundo Ricci (2007), podemos visualizar um universo cultural e social das lideranças cabanas característico da região, que lhes são próprias e estavam ressignificando-se ao longo do tempo, observando de que forma estabeleciam relações com os segmentos revolucionários de cabanos, tendo em vista o constante fluxo de “tráfico das ideias”, evidenciado pela vinda do internacional, vindo pelas Guianas e pelos Andes, além da presença constante de ex-revolucionários, como o personagem Pedro Paulo citado anteriormente, trazendo suas concepções e experiências vividas dantes.

Muitas dessas lideranças eram degredados da Europa para a América francesa, inglesa ou hispânica, como nos indica Ricci (2007), intensificado por um fluxo interno de ideias e de condutas locais, traçados a partir de representações simbólicas e políticas contidas nas ações das lideranças cabanas, tidos por muitos dos segmentos como chefias máximas, mesmo que muitas vezes sejam esquecidas da historiografia cabana os demais líderes que se faziam presentes no movimento no interior da província, dando continuidade na ação revolucionária. Em suma, a grande maioria das lideranças cabanas ascendem ao poder de forma conturbada, uma vez que as anteriores lideranças foram assassinadas, mas mesmo assim passaram pouco tempo na liderança do movimento.

Um dos mais reconhecidos líderes cabanos se chamava Félix Clemente e Antonio Malcher, este realizou um levante que se estendeu de Belém a rica região limítrofe do Acará, matando o Presidente da Província e seus sectários, possibilitando assim, chegar ao controle da província e do movimento cabano. Entretanto, após se chegar ao poder, Malcher, em seus discursos, pediu paz aos revolucionários cabanos, solicitando que eles voltassem aos seus lares para trabalharem na produção agrícola, uma vez que se considerava a revolta finalizada, mesmo que a maioria dos cabanos não concordassem com sua opinião.

Os debates políticos se davam em torno da disputa pela liderança local, sendo algo central ao debate sobre a representatividade da liderança cabana, uma vez que a presidência de Malcher se deu por aclamação popular e só deveria se sustentar enquanto presidente enquanto estivesse

voltado para este movimento, visto que ele deu a unção necessária para ascender ao poder – tendo em vista que as ações políticas de Malcher eram tidas como uma traição ao movimento. A maior perda de sua popularidade se dá quando decreta prisão de Eduardo Angelim⁴, sendo este um líder carismático e aclamado pelo movimento cabano.

De acordo com Ricci (2007), um ato de 21 de janeiro revogava a de 7 de janeiro de 1835, dando a possibilidade de a Regência Imperial escolher o novo presidente da Província do Pará, dando conta de que que o recém-empossado permaneceria no poder até que ela fizesse nova nomeação. Neste contexto, tentava-se, internamente, nomear Francisco Vinagre⁵, que, por sua vez, já se considerava aclamado, mesmo antes de passar pela câmara de vereadores para obter a legitimação de sua nomeação. Veremos assim, uma ampliação dos campos de atuação dos cabanos, onde estes passam a eleger novos líderes, tomando novos rumos. Os novos rumos sugerem o fim do antigo governo através de sua morte, uma vez que a troca de presidentes era comum acontecer nas províncias, bem como de se ter atentados contra a vida dos inimigos políticos.

Com a presidência de Francisco Vinagre e, posteriormente, a de Eduardo Angelim, podemos identificar um certo temor no que diz respeito às suas relações com a massa cabana, visto os momentos de tensões ocorridos anteriormente, considerando o processo de contradições que fora causado pelas ações de alguém que antes apoiava o movimento de resistência e depois passou a criticá-lo, a exemplo de Malcher.

Com a morte de Malcher, seria necessário um maior controle dos revolucionários exaltados, desarmando-os e dispersando-os, tendo em vista que passou a se fazer ouvir a voz da massa revoltada, acima, ainda, dos líderes cabanos. As idas e vindas do movimento cabano coloca na presidência um após o outro por motivos de sublevações no interior do próprio movimento, ou seja, os revolucionários cada vez menos se consideravam subordinados e passavam a desejar mandar e não serem mandados. Ainda assim, desejavam cargos no âmbito do governo.

Diante das investidas dos cabanos revoltosos, os líderes se sustentavam nos discursos religiosos para dar maior autoridade e poder. Deve-se então destacar a formas de recrutamento realizado para se ter um embate frente à vivência revolucionária concreta da massa cabana, onde podemos ver que este movimento esteve repleto de relações aos quais se demonstra o poder de mando e do discurso das lideranças do movimento, dado um grande enfoque apenas para as

⁴ Eduardo Angelim, seringueiro e jornalista, fora o terceiro presidente cabano e um dos líderes do movimento, lutou pela independência do Grão-Pará.

⁵ Francisco Pedro Vinagre foi um dos líderes do movimento cabano, sendo responsável pela deposição e morte do então governador da província do Grão-Pará, sendo nomeado como o novo presidente.

lideranças dos entornos de Belém, esquecendo-se dos demais segmentos que compunham o movimento cabano, como as lideranças indígenas.

Evidencia-se que os cabanos realizavam sua própria leitura e interpretação para aquilo que achavam justo e adequado, apresentando concepções e perspectivas quanto ao movimento de acordo com suas experiências ao longo dos embates políticos travados entre os diversos grupos que compõem o movimento cabano, tendo em vista que este não foi único e linear. Como aponta Ricci (2007), a experiência concreta dos segmentos cabanos advém das muitas lutas ao longo dos anos, passando até mesmo por um processo de interiorização da luta armada, chegando nas áreas mais longínquas da província do Grão-Pará. Pode-se destacar que eles vão ganhando experiência e abrindo outras frentes de luta, ampliando suas bandeiras e sublinhando os percursos históricos da própria revolta, transformando seu percurso histórico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, podemos destacar que a Cabanagem acaba se tornando um movimento tão vasto e complexo, passando a ser colocado numa perspectiva internacional de relações e de circulação de ideias, onde populações inteiras de índios e quilombolas foram chamadas à luta armada, se entrelaçando com as relações internacionais com países aos quais mantinham proximidade comercial, bem como a troca de ideias revolucionárias, possibilitando a criação de meios próprios para a construção de uma cidadania por parte da massa populacional cabana. Mudando seu status para os dias atuais, podemos evidenciar uma transformação na perspectiva de que a Cabanagem na Amazônia é símbolo de ação popular de massa, de mudanças e de movimentos sociais, na busca por direitos e reconhecimento de uma maior cidadania.

As discussões estabelecidas por Ricci (2007) nos evoca a trazer novas abordagens acerca de um movimento que durante muito tempo se tornou denegrido e tirado de sua real importância, uma vez que suas interpretações são tiradas a partir de uma visão colonizada e colonizadora, vista com olhos para falar pela Amazônia e suas múltiplas formas de resistência de um movimento que criou um ponto em comum para se levantar uma bandeira de luta. A autora traz a luz de uma discussão crítica e reflexiva a concepção de uma Amazônia como um espaço vazio e sem história sem cultura e como um espaço a ser integrado ao restante da nação. Veremos a história local e seus habitantes desaparecerem em detrimento de um discurso de progresso, para a exploração de seus recursos naturais que pudessem gerar retorno para o Brasil e sua metrópole. Diante disso, a autora nos apresenta um debate em torno das transformações das

perspectivas de autores em diferentes momentos históricos, passando a evidenciar a presença constante de um povo local de uma forma mais ampla.

A abordagem realizada por Inglês de Sousa nos leva à reflexão de que todos os movimentos históricos, incluindo aí a Cabanagem, possuem diversas concepções a partir dos pontos de vista que os analisam, mas que não devemos empregar juízos de valor, visto que a transformação do tempo leva também a transformação de ideias, de concepções, de ideais, de interesses. Enfim, podemos destacar que a Cabanagem acaba se tornando um movimento tão vasto e complexo, passando a ser colocado numa perspectiva internacional de relações e de circulação de ideias devido as suas experiências cotidianas, vivenciadas e destacadas pelo autor, em que Paulo da Rocha juntamente com os outros personagens trazem a voz da exclusão social.

É pertinente apontar que através da observação das vozes dos personagens, dominadores e dominados, buscou-se verificar o posicionamento de reprovação e aprovação das classes sociais sobre a revolta, tendo em vista que essas vozes expõem ao leitor a situação política do país, a situação de miséria da população local (os chamados tapuios), bem como a exploração da população brasileira mantida pelo estrangeiro detentor de cargos públicos e do próprio governo.

Conclui-se que o evento denominado de Cabanagem fez presente em diversas narrativas e representações, e estas transformaram-se em consonância com o tempo, espaço e sujeitos. Há de se considerar que diversos escritos contribuíram para descaracterizar a luta em questão, e que nas últimas décadas é possível perceber um esforço para ressignificar esse processo, a partir de memórias diversas, sendo possível conhecer os efeitos da Cabanagem na vida da população de Vila Bela, reconfigurando o plano ficcional para o real a partir das narrativas encontradas no texto do autor.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sérgio da Fonseca. **Conflitos Sociais E Ficção: A Cabanagem Em Inglês De Sousa**. TODAS AS LETRAS Z, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 94-101, maio/ago. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v17n2p94-101>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. Renato. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010. **Disponível em:** <<https://portalconservador.com/livros/Renato-Venancio-Uma-Breve-Historia-do-Brasil.pdf>>. **Acesso em:** 16 de dezembro de 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Traduzido do original francês La Memoire Collective (2.a ed.) Presses Universitaires de France Paris, França, 1968. Presses Universitaires de France Tradução de Laurent Léon Schaffter.

RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. Tempo [online]. 2007, vol.11, n.22, pp.5-30. ISSN 1413-7704. **Disponível em:** <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002>>. **Acesso em:** 16 de dezembro de 2019.

SOUZA, Inglês. **Contos Amazônicos Inglês De Sousa. Cadernos Do Mundo Inteiro**. Coleção acervo brasileiro: Jundiá, SP, 2018. Volume 1, 2ª edição. Disponível em: <<https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Contos-amazonicos-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>. Acesso em: 16 de dezembro de 2019.

MOURA, Danielle Figuerêdo. **As faces da “malvadeza”: os cabanos na visão do Presidente Soares d’Andréa e os embates pela retomada do Grão-Pará no contexto da Cabanagem**. Natal – RN, 2013.

Data de submissão: 14/04/2020
Data de aprovação: 25/09/2020